

Colapso



Carlos de Jesus

Carlos da Terra

© 2011 de Carlos da Terra

Foto da capa: Photoprint

Terra, Carlos da

Colapso/Carlos da Terra - São Paulo

1- literatura Contos Romances
policial, investigação

É PROIBIDA A REPRODUÇÃO

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, copiada, transcrita ou mesmo transmitida por meios eletrônicos ou gravações sem a permissão, por escrito, do autor. Os infratores serão punidos pela Lei nº 9.610/98

2-Colapso

Proibida a reprodução total ou parcial da obra

Carlos da Terra

*A presente obra,
Colapso, é ficção; e qualquer semelhança
com pessoas ou fatos reais terá sido mera
coincidência.*

O autor

3-Colapso

As coisas todas vão saturando sempre! Assim também acontece com a cidade grande!

Tudo estava se tornando insuportável! Um tormento para Osvaldo que era um homem sensível, afeito à música calma e de boa qualidade e que gostava de conviver com a natureza, especialmente na parte tangente aos animais.

Ele olhava para aquelas tardes cinzentas onde, praticamente, não se enxergava mais o sol e o céu havia mudado de cor, estragando qualquer poesia que se tivesse feito a respeito!

Os carros - esses inimigos da saúde e da natureza - iam e vinham em velocidade acelerada, com os motoristas carrancudos, sempre atrasados... enfezados; poluíam tudo e deixavam as narinas das pessoas entupidas daquele cheiro acre que vinha sempre acompanhado de um barulho ensurdecidor que se misturava ao alarido intermitente das pessoas agrupadas em lotéricas, bares e pontos de ônibus.

Mas, por contrastes que só o acaso pode explicar, as principais obras de arte, e os principais eventos artísticos, bons ou ruins aqui estavam. Os museus exuberantes de portas gigantescas abertas, davam o tom de cultura tão apreciado por Osvaldo. A biblioteca Mário de Andrade, também gigantesca, plantada bem no centro da cidade, em arquitetura colonial portuguesa, majestosamente abria suas portas monumentais para qualquer pesquisa em seu acervo milionário.

Paradoxalmente o bem e o mal se apresentavam simultaneamente, gerando um conflito íntimo em Osvaldo que sempre, ao sair de um espetáculo artístico, ia para casa imaginando como seria bom conciliar a cultura e a paz do campo.

Essas coisas todas deviam ser no campo - pensava - porque lá é que se pode calmamente desfrutar a cultura e o bom gosto de todas essas criações extraordinárias.

Mas tudo não passava de sonhos até que um dia, um espetáculo musical o levaria de encontro a esse desejo.

Enfrentando toda a agitação ele foi ao Som Brasil; uma casa de espetáculos localizada em um bairro elegante de São Paulo, e que naquele dia apresentava um astro da música que vinha fazendo história pelo seu bom gosto e qualidade musical.

4-Colapso

Era um show do Luís Ricardo, um artista polêmico, introvertido, como quase todos os participantes do seu grupo que houvera criado a Bossa Nova.

Esse grupo composto de artistas independentes viajava pelo mundo afora cantando as canções mais bonitas e o próprio Luís Ricardo costumava dizer que, na verdade não foi criada nenhuma música, mas que eles simplesmente apresentavam o velho samba, porém, com uma roupagem diferente, mais rebuscada, trabalhada, esmerada, que exigia do ouvinte uma contrapartida: ouvido mais afinado e sensível aos sons mais elaborados. Como consequência a Bossa Nova acabava reunindo a intelectualidade paulistana.

Todos os artistas da Bossa Nova tinham personalidades e fatos, por vezes hilariantes que eram comentadas pelas ruas da cidade e sobre o Luís Ricardo pesavam as mais hilariantes e até jocosas e surpreendentes; ele, um grande músico, alternava magia, genialidade e pândega que se originava principalmente de sua timidez.

Por vezes essa timidez parecia conveniente, mas um fato notório é que contagiava, principalmente os outros artistas da Bossa Nova; alguns deles, desconhecidos do grande público, apresentavam semelhanças com os expoentes, justamente por imitarem esse traço.

Osvaldo gostava de tudo isso. Analisava a personalidade deles enquanto se inebriava ao som dos acordes dissonantes que permaneciam em seus ouvidos mesmo após os espetáculos.

Antes do show, o Luís Ricardo ficava no saguão do teatro, encostado à uma parede como se fosse apenas mais um espectador; ria timidamente como se não gostasse do assédio dos intelectuais presentes e do público, mas respondia as perguntas com um "hum-hum".

Quando a pergunta exigia mais do que um "hum-hum" ele apontava o dedo indicador para o famoso crítico de arte Victor Moura, que estava ao seu lado e dizia:

- Eu não sei... Pergunta pro Victor; é ele quem sabe!

Isso acontecia até para as perguntas pessoais, como por exemplo, o que ele houvera achado da última tournée; o Victor Moura tinha que saber tudo sobre o artista, mais até do que ele mesmo; isso era muito engraçado.

Em poucas palavras, geralmente sussurradas, o genial artista explicava que a grande alteração do samba não passava de uma simples substituição por uma sétima ou nona nota musical da escala diatônica, por outra de outra escala. Dizia que ao substituir a terça ou quinta nota por uma sétima ou nona qualquer pessoa perceberia o efeito sutil e magnífico.

E todos riam quando se lembravam que no início, essa grande música era considerada desafinada.

O que no princípio parecia desafinada, ao final, se revelou suave e harmônica.

O mistério sobre a sutileza do falar do Luís Ricardo aumentava quando diziam que no princípio de sua carreira ele tinha um vozeirão e que cantava boleros.

Quando se dizia isso logo alguém lembrava de um episódio ocorrido na Bahia.

Contavam e riam de um show musical no teatro Carlos Gomes, na Bahia.

O Luís Ricardo estava marcado para se apresentar lá e pediu à sua assessoria que orientasse o apresentador de forma a que ele simplesmente pronunciasse o seu nome e não fizesse as habituais apresentações que enaltecem os artistas. O Luís Ricardo queria que ele simplesmente dissesse o seu nome, nada mais.

Isso ficou combinado, mas não foi cumprido!

E o fã continuava contando o fato, fazendo trejeitos, rindo e imitando o apresentador; simulando um microfone na mão, o fã começou a imitar:

- Senhoras e senhores.. vem aí o grande astro da música popular brasileira. O gênio Luís Ricardo!

Contava o fã que diante disso o Luís Ricardo - que estava à poucos passos dele no saguão, e que parecia não ouvir nada - entrou com seu violão na mão direita, com um sorriso amarelado e tímido, tremendo feito vara-verde, tropeçando em um fio, caindo e levantando rápida e desajeitadamente.

Aquilo foi o máximo que já presenciei - dizia o fã- , e continuava, e aquele dia estava mesmo fadado a acontecimentos inesquecíveis e lacônicos.

O fã pedia a atenção para um fato pitoresco:

-No meio do show um gaiato da plateia, sentado lá atrás, disse em um tom meio alto:

- Está muito baixo!

O Luís parou de tocar e disse:

- Ham???

- Está muito baixo - respondeu o homem- o que foi seguido por uma declaração no mínimo surrealista do Luís Ricardo

- É! Eu também acho!

Enquanto o povo gargalhava o cantor tentava consertar o microfone e enrolou o fio no braço, derrubando o banquinho em que estava sentado ao levantar-se; desesperado e tropeçando no fio ele fugiu do palco como o diabo foge da cruz, aumentando a gargalhada do público que teve o dinheiro do ingresso ressarcido.

Osvaldo ouvia tudo, aqui e acolá, com muito interesse. Tudo era poesia! Tudo era arte! Era o charme dessa cidade barulhenta!

Afinal, não era em qualquer lugar ou em qualquer hora que se podia ouvir, ainda que em hum-hum, explicações do próprio gênio Luís Ricardo, sobre suas canções novas, mas já lendárias e sua personalidade extravagante!

Quanto ao humor do artista, Osvaldo achava que fazia parte! Tinha que ser assim, mesmo! Isso não era apenas uma faceta do artista, era, isso sim, a essência da música que ele criava.

Contam que quando o Luís Ricardo morava em Paris, em uma casa muito grande e bonita, ele franqueava os enormes jardins aos casais de namorados, permanecendo debruçado à sua janela, olhando ternamente. Dizem que nesse momento ele buscava inspiração para sua incrível musicalidade, mas ele próprio jamais disse isso.

Contam então, que um certo dia, um desses casais, quase provocou uma verdadeira tragédia!

O casal passeava abraçado e descontraído quando o homem, tirando o cigarro da boca, cuspiu sobre o chão!

Imediatamente o sensível artista pulou por sobre o parapeito da janela e foi para cima do homem aos murros e gritos, sendo contido rapidamente por seus próprios agentes de segurança que, sem entender nada, perguntavam afoitos:

- Calma seu Luiz, o que foi que aconteceu?

E resposta inusitada veio logo a seguir:

- Ele cuspiu na minha paisagem! - e apontava o dedo trêmulo na direção do homem, que demonstrava certo arrependimento pelo gesto pouco polido.

E essas coisas engraçadas, além de sedutoras parecavam ao caráter sutil e refinado de Osvaldo que lidava com seus animais como se lidasse com pessoas e cobrava deles uma eficiência muito grande, embora sempre de maneira muito suave, sem qualquer alteração que não fosse natural e branda ao animal.

E as coisas engraçadas se sucediam no contar das pessoas que ali estavam para ouvir o gênio cantar.

Você soube daquela- alguém no canto dizia - das pessoas que visitam o Luiz? Cuidado, viu?

Antes mesmo do fã começar a cotar o caso, os risos já se esboçavam em preparação para o hilário...

- Quem vai à casa do Luiz para visitá-lo é obrigado a jogar pingue pongue, só que não pode ganhar de jeito nenhum!

Se ganhar o Luiz faz um escândalo e encerra definitivamente a visita!

7-Colapso

A sedução da arte fazia contraste com o incrível barulho e deterioração visual dos painéis de péssimo gosto.

Osvaldo se perguntava sempre se poderia conciliar ou, pelo menos, acomodar esse antagonismo.

Talvez - pensava - se morasse no interior e vir à grande cidade apenas para frequentar lugares artísticos. Os animais também se sentiriam muito melhor na tranquilidade de lá; afinal, aqui um cavalo nem pode mais existir porque o chão abrasivo, de asfalto, corrói os cascos de modo a inutilizá-lo por longos períodos e obrigando à incômoda colocação de ferraduras; lá não! Lá o cavalo pode ficar sem ferraduras, como a natureza o criou.

Osvaldo pensava em seu cavalo como se deve pensar em qualquer pessoa ou qualquer outro animal.

É que o cavalo dele era muito diferente e atendia todos os critérios de sua exigência.

De maneira branda, suave e delicada, o cavalo ajoelhava-se para que Osvaldo subisse, vinha ao encontro ao ser chamado e várias outras coisas.

A indecisão haveria de permanecer até o fim daquele espetáculo, quando os acontecimentos da rua, na hora da saída, apressariam sua decisão, mas que o envolveriam em uma inimaginável história.

Ao sair do teatro, dirigindo-se apressadamente ao seu carro, viu, de longe, o vidro do lado do motorista, quebrado a pedradas e com muitos estilhaços espalhados pelo chão. As coisas que estavam dentro do carro foram roubadas e o painel foi sensivelmente estragado.

- Agora não tem mais jeito! Vou embora daqui; vida pacífica e ordeira me aguarde!

2

E quanta surpresa pode nos revelar uma mudança?

Uma coisa que deveria ser tão simples, mas que pode nos levar a resultados imprevisíveis, aterrorizantes!

Logo de início Osvaldo pode perceber que nem tudo era exatamente do jeito que ele esperava. Os costumes do interior haviam mudado tanto... certas coisas eram iguais às da cidade grande.

- Isto aqui tem traços muito fortes da cidade grande. Eu imaginava que as pessoas vivessem por aqui se movimentando com enxadas na mão, cavalos de sela em trabalho diário, plantando e colhendo. - Disse Osvaldo -

- Medeiros, o corretor de imóveis, olhou fixamente para Osvaldo e disse que fazia algum tempo que ele não praticava Cooper e que isso o preocupava muito porque ele já havia sofrido um enfarte!

Osvaldo olhou para o corretor de imóveis ensimesmado, pasmado!

Como era possível? Pensava- Com tanto ar puro, a natureza exuberante, alimentação possivelmente sem agrotóxicos, somados à natural escassez de tecnologia, forçariam as pessoas a se movimentarem. Enfarte - sempre pensou - é para pessoas que vivem no ócio, na vida sedentária. Muito estranho...

- Ele deve estar querendo me impressionar e disfarçar a natural escassez de recursos tecnológicos, quando comparados ao lugar de onde vim. Deve ser isso! Só pode ser!

Mas o diálogo inesperado precedeu muitas coisas incomuns e , de certo modo, preparou seu espírito para outras novidades sobre a vida do interior, que agora já não se mostrava tão tranquila assim.

- Será que aqui também teria aquele pessoal enlouquecido? Teria a violência da qual estou fugindo?

Não! Não é possível; o estágio daqui é anterior e quando lá era assim, também era muito bom.

Tentando esquecer seus pensamentos, voltou a sonhar com sua nova vida.

Olhando para as casas que lhe eram mostradas, finalmente, Medeiros lhe mostrou a casa dos sonhos.

3

Era um doce recanto!

Como em um sonho a casa muito acolhedora e com um espaço considerado enorme por Osvaldo, acostumado ao aperto das casas da grande cidade!

Eram apenas dois mil metros quadrados que lhe pareciam uma verdadeira fazenda, um grande latifúndio!

Elizabeth era uma mulher caprichosa, sem filhos, companheira em todos os momentos fáceis ou não; e também disposta a alterar sua forma de vida, cansada também da grande metrópole. Ela gostou muito da linda casinha, toda de tijolos à vista com aparência de serenidade e calma e pediu a Osvaldo que se empenhasse em comprá-la;

O corretor e Osvaldo foram ao proprietário que, curiosamente, não se mostrava interessado em desfazer-se do imóvel; alguma coisa o fazia oscilar; enquanto colocava o imóvel à venda, dificultava a consumação.

Havia um certo mistério em seus olhos.

Aos poucos o mistério foi se desfazendo nas próprias palavras do Arnaldo, o proprietário do imóvel negociado.

- Olha! - disse ele - tem um policial lá em frente que, de vez em quando, dá uns gritos mas não passa disso, viu? Não precisa se preocupar... - e sorriu levemente.

- O que? – pensou Osvaldo - Eu me preocupar com gritos de vizinhos? Assustar-me? Se venho de onde venho, que é uma terra de loucos enfurecidos não poderei sequer me incomodar com alguns gritinhos. Logo eu dou um jeito na situação; assim que eu for falar com ele ponho um fim nesses gritos!

E completou enfático:

- Isso não será problema! Eu fico com a casa!

A jovem companheira, entusiasmada, arrumou cuidadosamente todas as coisas da mudança e acomodaram em um caminhão. Em outro caminhão vinham o cavalo Barravento - forte motivação da mudança - e os três cães, um doberman chamado Camafeu e um cólie chamado Bruhma, por causa de sua cor azulada, e um pointer chamado Jari.

Os ares da nova vida estavam prenunciados na mudança.

Durante a viagem todos queriam chegar logo. Os animais pareciam entender tudo. A nova casa teria um espaço grande como nunca!.

4

Os negócios realizados nem sempre são lógicos e frios, pelo contrário, na maioria das vezes eles trazem forte carga emocional e o desejo pode impedir a visão clara; foi exatamente isso o que aconteceu com Osvaldo, um homem ponderado e cuidadoso. Na ansiedade nem mesmo havia reparado nos detalhes da nova casa.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

